

DOSSIÊ: “O ÚLTIMO BAUDELAIRE”: 200 ANOS DE NASCIMENTO DO POETA

O “último Baudelaire” existe? Quando se iniciaria o último período criativo do poeta? Com a publicação dos primeiros poemas em prosa, em junho de 1855? Com a dos *Paraisos artificiais*, em maio de 1860, ou com a segunda edição das *Flores do Mal*, em fevereiro de 1861? Ou, antes, com a estada do poeta na Bélgica, na primavera de 1864? Essas perguntas implicam uma delimitação temporal que pode parecer artificial.

Se a busca de um *terminus a quo* é necessariamente insatisfatória, podemos tentar identificar algumas das principais linhas de força na produção literária dos últimos anos de vida do poeta. Estes coincidem com a afirmação de uma verve polêmica que já aparecia nos primeiros artigos críticos do autor de *Les Fleurs du Mal*. *Projéteis*, *Meu coração desnudado*, *La Belgique déshabillée* [*Pobre Bélgica*] e outros canteiros interrompidos, como o projeto de carta para Jules Janin, estão atravessados por um sopro vingativo. Baudelaire reage vigorosamente nesses textos contra as aberrações filosóficas e estéticas de seu tempo. Desenvolve uma eloquência incisiva, provocante e hiperbólica, na qual poderíamos observar um exemplo de “estilo tardio”.

Analisando o estilo das últimas composições de Beethoven, Theodor W. Adorno (2020, p. 171) postulou a existência de uma “maturidade das obras tardias” que “não pode ser comparada à de uma fruta”:

Raramente são redondas e lisas, mas cheias de rugas, até mesmo rasgadas; seu sabor não é doce e, com seus espinhos, sua amargura, recusam-se a ser simplesmente provadas; carecem daquela harmonia que uma estética neoclássica costuma exigir de uma obra de arte e carregam o traço da história mais do que o do crescimento (ADORNO, 2020, p. 171).

Essa hermenêutica sedutora, que Edward W. Said (2021) aplicou à literatura, e em particular às obras de Jean Genet, Constantin Cavafy e Thomas Mann, levanta dificuldades, no entanto, quando consideramos, por exemplo, os “vários estilos individuais da velhice”, como observa Antoine Compagnon (2021, p. 68). Mas o conceito precisa ser explorado: ainda são raros os estudos dedicados ao “estilo tardio” dos poetas e sua *ultima verba*.

Esse último período criativo de Baudelaire é, além disso, fecundo em experimentações formais. Novos projetos são elaborados, dos quais irrompe um Baudelaire filósofo, moralista e aforista: particularmente, o projeto de um volume de poemas em prosa, hoje conhecido com o título de *O spleen de Paris*, e um projeto autobiográfico, dos quais remanesce *Meu coração desnudado*.

A interrupção prematura do gesto criador convida a uma reflexão a respeito do inacabamento das obras literárias. No prefácio de sua edição de *Fusées* e de *Mon cœur mis à nu*, André Guyaux aproxima esses textos, marcados pela “descontinuidade”, às *Iluminações* de Rimbaud. Se as *Iluminações* são construídas por associação de fragmentos, *Meu coração desnudado* é um conjunto de pequenas reflexões registradas em folhas – classificadas posteriormente por Auguste Poulet-Malassis –, que deveria resultar em um livro de confissões, enquanto *Projéteis* é provavelmente uma obra inacabada de aforismos. Poderíamos então falar de uma “poética do fragmento” baudelairiano? De uma vocação baudelairiana ao inacabamento que abriria caminho às poéticas modernas?

Na ocasião do bicentenário de Baudelaire, o dossiê que organizamos, composto de nove artigos e duas entrevistas, propõe examinar essas questões.

Abordando as diferentes versões de “O crepúsculo do entardecer”, Joseph Acquisto (The University of Vermont) se funda numa análise detalhada da última versão do poema, para articular os diferentes aspectos da subjetividade poética tal qual se apresenta na obra do “último Baudelaire”. Patrick Thériault (Université de Toronto) se debruça sobre a “autópsia” de um projeto natimorto, que também foi a última verdadeira experiência criadora de Baudelaire – o projeto de um livro satírico sobre a Bélgica –; ele deduz os elementos fundadores de uma poética do *bufão*, que renova a herança literária satírica e grotesca. Catherine Delons (ITEM/CNRS), biógrafa da mãe do poeta e editora da correspondência entre os dois, analisa as primeiras polêmicas suscitadas pela publicação das *Œuvres posthumes et correspondances inédites*, editadas

por Eugène Crépet, em maio de 1887, e que projetam a imagem contrastada de um Baudelaire precursor do simbolismo e da literatura de decadência. Em um estudo das diferentes versões do poema “O relógio” em prosa, Jean-Michel Gouvard (Université de Bordeaux Montaigne) busca a originalidade do último Baudelaire, a qual residiria na autoderrisão, num gesto desabusado que reduz a nada o trabalho do poeta a fim de tentar salvá-lo; e conclui que a poesia em prosa instaura uma distância crítica em relação à poesia versificada, apesar de o poeta declarar que o projeto do *Spleen de Paris* era destinado a ser um “complemento” às *Flores do Mal*. Propondo uma reflexão sobre a impertinência de Baudelaire e as implicações poéticas em sua produção tardia, Eduardo Veras (Universidade Federal do Triângulo Mineiro, UFTM) cruza temas importantes da poesia baudelairiana, como a polêmica, a solidão e o desejo de distinção; relaciona a impertinência à crise do sujeito lírico e à figura do poeta impostor. Álvaro Faleiros (Universidade de São Paulo), tradutor, compositor e poeta, examina o ponto de vista da poeta brasileira Ana Cristina Cesar como crítica da tradução: analisando a reescrita de “O cisne” (nos “Quadros parisienses”) por Ana Cristina Cesar, situa sua obra na encruzilhada entre poesia, crítica e tradução, no espaço da (re)tradução de Baudelaire no Brasil. Gilles Jean Abes (Universidade Federal de Santa Catarina, UFSC e Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução) faz um balanço da “fortuna crítica” do poeta no Brasil, observando as ocorrências do nome e menções a suas obras em periódicos que circularam no país no século XIX; mostra a existência de uma recepção *anterior* de Baudelaire a partir da década de 1850, muitas vezes em francês.¹ Franklin Alves Dassié (Universidade Federal Fluminense, UFF) apresenta uma leitura crítica das reflexões relativas à questão do fim do verso em Baudelaire – reflexões de pesquisadores, mas também de autores contemporâneos, particularmente franceses. Analisa a relação entre a edição de 1869 de *Les Petits poèmes en prose* e a noção de *corpus* desenvolvida por Jean Luc-Nancy para ler o hibridismo em dois livros da poeta portuguesa Adília Lopes. Rita Loiola (Universidade de São Paulo, USP) destaca a dramatização da abordagem poética que não consegue interpretar a realidade e se vê confrontada com sua própria incapacidade de decifrá-la; ela identifica, a partir do poema em prosa “As multidões” de Baudelaire e do conto “O homem da multidão” (“The Man of the Crowd”) de Edgar A. Poe, o que se pode chamar de “poética da contradição” no cerne do texto baudelairiano. Por fim, duas entrevistas, com André Guyaux e Bertrand

¹ Uma outra versão desse artigo será publicada em 2022 na revista *L'Année Baudelaire*.

Marchal, ambos professores eméritos da Sorbonne Université, reconhecidos especialistas em poesia francesa do século XIX, consideram a evolução do pensamento de Baudelaire e de sua poesia durante essa “última fase”, assim como a atualidade do poeta.

As contribuições reunidas nesse dossiê bilíngue, concebido desde o princípio sob o signo do cosmopolitismo, ratificam a importância dos últimos textos de Baudelaire para a literatura moderna e o vigor dos estudos baudelairianos no Brasil, na França, no Canadá, nos Estados Unidos e em outras partes do mundo.

Não poderíamos deixar de agradecer os professores Fábio A. Durão e Carlos Eduardo O. Berriel (Unicamp), na qualidade de editores da revista *Remate de Males*, assim como a toda a sua equipe (em especial a Margarida Pontes), pela oportunidade da publicação desse dossiê especial dedicado aos 200 anos de nascimento do poeta Charles Baudelaire.

E convidamos a todos e todas à (re)leitura do último Baudelaire.

Organizadores:

Andrea Schellino (Università Roma III / ENS-Ulm, ITEM)

Aurélia Cervoni (Sorbonne Université, CELLF / ENS-Ulm, ITEM)

Eduardo Veras (UFTM)

Gilles J. Abes (PGET/UFSC)

REFERÊNCIAS

ADORNO, Theodor W. *Beethoven. Philosophie de la musique*. Édition de Rolf Tiedemann, préface de Jacques-Olivier Bégot, traduit de l'allemand par Sacha Zilberfarb. Paris: Éditions Rue d'Ulm/Presses de l'École Normale Supérieure, 2020, p. 171. [Escrito em 1934, “Über Spätstil. Zum letzten Beethoven”, foi publicado em 1937 no *Der Auftakt* e recolhido em *Moments musicaux*, 1964.]

COMPAGNON, Antoine. *La Vie derrière soi. Fins de la littérature*. Paris: Équateurs, 2021.

SAID, Edward W. *Du style tardif. Musique et littérature à contre-courant*. Traduit de l'américain par Michelle-Viviane Tran Van Khai. Arles: Actes Sud, 2021. [Publicação original: *On Late Style. Music and Literature Against the Grain*. New York: Pantheon Books, 2006.]

Recebido: 3/8/2022

Aceito: 22/8/2022

Publicado: 23/8/2022